

Rodrigo Magalhães

Os Corpos

Para a Salomé, decifradora

*e para a Lúcia, anjo desta história,
que tentou salvar este livro da irrelevância.*

NO PREFÁCIO À SUA NOVELA *Os Naufrágos do Batávia*, Simon Leys começa por fazer uma advertência ao leitor, dando-lhe conta do seu longo interesse pelo caso desse naufrágio e aproveitando a ocasião para assinalar o facto de existir já um outro livro sobre o assunto, em tudo superior ao seu. Depois, resignado, conta na mesma a sua história, esperando pelo menos que isso convença os leitores a lerem o livro a que se referiu. Passa-se algo semelhante com este livro, com uma diferença importante e que é o facto de, embora tendo contado na mesma a minha história, saber de antemão que outros a contariam melhor. Ao contrário de Leys, sempre atento a qualquer novo volume sobre o naufrágio, não li nenhum livro sobre o assunto, mas sei que existe pelo menos um, escrito por uma australiana chamada Kerry Greenwood, autora de uma série de policiais que têm como protagonista a *flapper* Phryne Fisher, os quais também não li. Seja como for, o caso, real, apresentava possibilidades romanescas que não eram de desprezar.

Deu-se na Austrália, na praia de Somerton, em 1948. Um homem apareceu morto no areal. Bem barbeado, bem vestido, um cigarro apagado por trás da orelha. Não trazia quaisquer documentos de identificação. As etiquetas da sua

roupa tinham sido cortadas, não arrancadas, e não apresentava sinais de violência. Supôs-se que teria sido um veneno a matá-lo, mas a autópsia não revelou indícios de substância alguma. Os seus últimos passos foram mapeados, com alguma certeza, a partir de objectos que trazia nos bolsos e de testemunhos. No entanto isso não chegou para que conseguissem identificá-lo e, numa iniciativa inédita nos anais da polícia australiana, decidiu-se embalsamar o cadáver. O caso, já de si misterioso, ganhou novas dimensões com a descoberta de um pedaço de papel, escondido num compartimento secreto no bolso das calças do homem. No papel estavam duas palavras: Taman Shud. A polícia, num gesto de grande graciosidade literária, pediu ajuda aos bibliotecários da cidade, os quais não demoraram a estabelecer que as palavras podiam ser encontradas na última página do *Rubaiyat*, de Omar Khayyam, apontando, de forma igualmente rápida e escrupulosa, que a grafia correcta seria Taman Shod ou Tamam Shud. A partir daqui o mistério não tinha senão como adensar-se. Não me alongarei. A informação pertinente pode encontrar-se na internet, onde, por acaso, descobri a história. Pode começar-se por aqui: https://pt.wikipedia.org/wiki/Caso_Taman_Shud.

Resta uma questão. Porquê escolher de tão suculento manjar apenas uma pequena porção, para mim central mas ainda assim diminuta? A morte é o nosso destino partilhado. Na incapacidade de se dizer alguma coisa sobre ela, permanece a possibilidade de circular em seu redor.

Please, accept the mystery!

JOEL & ETHAN COEN, *A Serious Man*

O primeiro corpo

*Look in my face: my name is Might-Have-Been;
I am also call'd No-More, Too-Late, Farewell.*

DANTE GABRIEL ROSSETTI, *A Superscription*

TALVEZ



CERTA VEZ VOLTOU DOS BILHARES com o nariz partido. Abusara da ironia com um dos jogadores, um gordo de cabelo lambido e blusão de napa, que sem aviso lhe dera uma cabeçada, voltando em seguida para o jogo, gabando-se daquilo que acabara de fazer. Os seus dois amigos aproximaram-se dele, tremendo de medo do gordo, temendo também que ele procurasse alguma espécie de retaliação que os colocasse a todos em perigo. Mas não conseguia sequer levantar-se sozinho e tiveram de ampará-lo até casa, segurando-lhe a mão enquanto abria a porta do prédio e carregando-o depois escada acima. À porta de casa, e como não conseguia indicar a chave correcta, as mãos tremendo, um dos amigos tocou à campainha. Foi a mãe que veio abrir. Olhou para ele, abanando a cabeça, e recusou tocar-lhe. Não os deixou entrar, antes esperando que o filho mais velho viesse do fundo da casa buscá-lo à porta. Suspirou quando viu aquilo de que se tratava. Pegou no irmão, passando o braço dele sobre o seu ombro. Algumas gotas de sangue pingaram para o tecido azul do pijama. Os dois rapazes aperceberam-se então do roupão creme da senhora e dos seus pés nus. Já estavam todos na cama e eles ali à porta, a empatá-los. Iam dizer alguma coisa para se desculpar quando

ela lhes fechou a porta na cara, confirmando que dali não deveriam esperar refúgio. Depois desse incidente pareceu que se endireitava. Regressou aos hábitos antigos, esses de acordar cedo, ir às aulas, não se fiar demasiado na inteligência. Passava mais tempo em casa. Quando se ausentava informava a mãe do sítio onde poderia contactá-lo. Ao contrário do que ela pensava, fazia-o por si próprio. O incidente com o gordo deixara-o aterrorizado. Sabia, claro, que do outro não havia mais nada a esperar e bastava que não voltasse a provocá-lo. Aquilo que temia era que outro qualquer, mais rápido e mais forte, o escolhesse de forma aleatória, matando-o no próprio local ou levando-o, imobilizado, para algum local remoto onde seria torturado e só depois assassinado. Passou a sonhar com isto, passando noites quase em claro, acordando do mesmo pesadelo a intervalos regulares, sempre tenso, angustiado. Levantava-se cedo e ia às aulas porque não dormia. Apresentava-se de olhos vermelhos e mantinha-se acordado escrevendo tudo aquilo que se dizia na aula, não só aquilo que era dito pelo professor mas também aquilo que os alunos diziam entre si, em surdina. Quando era chamado a intervir, coisa rara, fazia-o com concisão e inteligência, até nas matérias mais difíceis. Mas tomava o seu tempo, escolhendo os termos mais económicos. A falta de sono entorpecia-o e por vezes falhava-lhe a voz. Terminando, voltava a sentar-se, retomando a redacção. Na faculdade era quase anónimo e ninguém falou daquilo que se passara nos bilhares. Ainda assim passou a sentir da parte dos seus amigos uma certa frieza, um decréscimo de entusiasmo quando o encontravam, como se temessem que a sua fraqueza fosse infecciosa. Compreendia-os. Não seria ele capaz de fazê-lo, se os papéis se invertissem e lhe coubesse a oportunidade de se desinteressar do assunto? Há apenas uma medida tolerável de miséria alheia.

O irmão, achando que isso serviria para ajudá-lo a recuperar, filiou-o numa juventude partidária, sob o público pretexto de lhe dar alguma coisa a que pudesse agarrar-se, uma ideologia para sustentá-lo. Iam juntos às reuniões, duas vezes por semana. O partido era de centro-direita e a ideologia, vaga, mas aprendeu a gostar das reuniões. Fez alguns conhecimentos, daqueles que o irmão não se cansava de dizer que lhe seriam úteis no futuro. Apreciava o fervor posto nas discussões, embora desconhecesse as vantagens efectivas da aprovação de determinada moção em detrimento duma outra. Na realidade não lhe interessava. Limitava-se a sentar-se lá atrás, ao lado do irmão. Quanto mais tempo durassem as discussões mais tempo demoraria a voltar para casa, para o seu combate nocturno, no qual, como aprendeu ao ler Hegel, era ambos os combatentes e o próprio combate. Isso não fazia com que dormisse melhor, mas ajudava-o a encarar a provação com outro ânimo, como se a mitificasse e a tornasse de algum modo mais digna. Não falou a ninguém dos pesadelos e não deu troco quando lhe perguntaram a razão pela qual parecia estar sempre tão cansado.

O irmão arranjou uma namorada e começou a dormir fora quase todas as noites, não demorando para que se mudasse a título definitivo. Restaram ele e a mãe, que à noite adormecia na sala diante da televisão, e por ali acabava por ficar, muito direita no sofá, parecendo alerta e fingindo apenas estar a dormir. Aprendeu a não se preocupar com a leveza aparente do sono dela e, deixando-a na sala, servia-se da garrafa de brandy, escondida num armário da cozinha. Bebia um ou dois pequenos goles sôfregos e depois voltava a colocá-la no lugar. Uma dose mais generosa garantiria um efeito mais potente, talvez uma noite mais descansada, mas não podia arriscar-se a fazê-la desconfiar. Planeava comprar uma garrafa de substituição,

mas só quando esta estivesse já perto do fim. Poderia então bebê-la quase toda, essa garrafa futura, e assegurar-se uma noite de merecida letargia. Só não sabia com que dinheiro. Dependia da mãe, que lhe dava abertamente dinheiro para tabaco, embora ambos dissessem que ele não fumava. Pagava-lhe também as propinas, a comida, a renda de casa, todo o tipo de contas, calçava-o e vestia-o. O dinheiro que lhe davam os avós era bom mas demasiado restrito, só nos anos e no Natal. Mantinha-se como podia, embora, em abono da verdade, não tivesse grandes gastos. Apenas criara esta ideia de si próprio, essa ilusão de se acreditar a viver no limiar da pobreza, como repetiriam os seus biógrafos. A verdade era que lhe faltava ainda fazer alguma coisa digna de nota. Mas não duvidava de que viria a ser parte de alguma coisa maior. Imaginava a posteridade, perdendo-se nesses devaneios. Por uma vez era ele quem triunfava. Depois o tempo passava, o pó acumulava-se nos cantos, a vida não mudava. Por isso continuou a ir às reuniões, onde antes só ia para encontrar o irmão. Mas o primogénito deixou caducar a filiação política e ele passou então a sentar-se sozinho naquela sala cheia de desconhecidos. Algumas amizades teriam de ser feitas se pretendia continuar a assistir às reuniões, pois, apesar de tudo, esse era o único sítio onde lhe parecia que se poderia dar alguma coisa. Passou então a sentar-se mais à frente, onde se estava, de modo simultâneo, mais perto da acção e num dos pontos propícios à interacção. Foi aí que se conheceram, ele e Mario, que lhe disse que ia ser jornalista. Daqueles que marcam uma época. Coisa para três ou quatro Pulitzer, se não tivesse tido o azar de nascer neste país de merda! Mesmo assim faria aquilo que lhe competia. Sabia que daí a muitos anos ainda falaria dele e das coisas que ajudara a construir. O seu nome seria sinónimo de algo significativo. Na verdade, pareceu-lhe embriagado, embora não tartamudeasse.

Tinha até uma certa capacidade articulatória que lhe conferia autoridade sobre quem o ouvia. Apresentou-se dizendo apenas que se chamava Mario, ao contrário de todos os outros que se tinham sentado antes dele, fazendo questão de afirmar os seus sonantes nomes de família, todos parecidos e dados à confusão. Repetiu o nome dele de olhos fechados, como que para melhor o memorizar. Quando os reabriu continuou a falar. Sob pseudónimo já escrevia para uns quantos sítios. Elogiavam-lhe a gramática e a ironia. Sabia porque sabia que estava destinado a voos mais elevados. Ao terminar ria-se, cúmplice. Era então que na sua presença os outros se tornavam mais vulneráveis. Havia alguma coisa de convidativo naquele riso. Eram seus iguais, percebiam a piada, podiam rir. Mario convidava os outros a acompanhá-lo, mas apenas se o entendessem.

Voltaram a encontrar-se na reunião seguinte. Abriu muito os olhos quando o viu chegar. Parecia que esperara nunca mais voltar a vê-lo. Apertou-lhe a mão, demorando-se mais do que seria necessário, envolvendo a mão dele entre as suas. Temeu que quisesse levá-lo para a cama. Já lhe tinha acontecido antes. Estava sentado a ouvir as ruminações de um aspirante a subsecretário sobre a política de pescas da nação e ouvia alguém ocupar a cadeira ao lado da sua. Virava-se e lá estava um rapaz, da sua idade ou por vezes um pouco mais velho, sorrindo-lhe. Acontecera várias vezes. Tivera de se escusar sempre, de modo mais ou menos agressivo. Mas isso não significava que desdenhasse totalmente da ideia. Já dera por si a fantasiar com isso enquanto se masturbava. Mas estas abordagens eram sempre erradas e compreendia agora a noção de virgindade, esse saber preservar-se. Desde sempre só soubera gostar-se. Orgulhava-se disso, embora não o admitisse a qualquer um. Mas poderia admiti-lo a um amigo, algo que muita falta lhe fazia.

E amante algum poderia ajudá-lo a sentir-se mais acompanhado. Tornara-se um desses homens que se confessam apenas com a maior das dificuldades, um género taciturno que atrai um tipo peculiar de mulher, dessas que os supõem pecadores mesmo que o não sejam e pretendem redimi-los, a bem ou à força, se tal se revelar necessário. Acabavam por fugir dele. Em sua casa julgava-se que era ele que as punha a andar. A mãe falava disso com a futura nora diante dele e do irmão. Ele encolhia os ombros. Falava com o irmão sobre futebol enquanto a mãe, de turbante, deslumbrava a outra com a sua interpretação da vida sentimental do filho, seus vícios e virtudes. Também à mãe não se confessava. Que sabia ela? Quando falava disso com o irmão, as mulheres na cozinha a lavar a louça, este perguntava-lhe sempre se lhe queria contar alguma coisa. Ria-se, fanfarrão. Dizia que não precisava de psiquiatras. Depois ficavam em silêncio, a fumar e a ver as notícias. Não contava fosse a quem fosse, era coisa para se partilhar com um amigo, que era aquilo que precisava que Mario, ou qualquer outro, fosse para ele.

Conseguiu libertar a sua mão da de Mario e sentou-se. O outro começou de imediato a falar, mas desta vez em surdina. Havia um tipo que lhe devia uns dinheiros e com o qual combinara encontrar-se depois da reunião. Ele estaria interessado em acompanhá-lo? Era num café de má fama, não muito longe da sala onde se reuniam. Conhecia o local apenas de nome. Nem sequer lhe ocorreu que pudesse ser perigoso. Disse que sim. Mario sorriu, satisfeito. Depois levou um dedo aos lábios. Recostou-se e continuou a assistir a uma exposição sobre os parquímetros e os inconvenientes da sua colocação. Ficou surpreendido que não dissesse mais nada. Tomara-o por um desses faladores compulsivos, que não conseguem

manter-se calados. E talvez fosse mesmo esse o caso. De cada vez que olhava para ele, o outro levava o dedo aos lábios e procurava não se rir. De certo modo, comportava-se como uma criança. Tudo aquilo que fazia era feito com total seriedade. E isso incluía este faz-de-conta de que apenas os dois estavam a par. Entretanto a facção dos interesses organizados digladiou-se com a facção menor do interesse público. Quando a reunião terminou, foi dos primeiros a sair, convencido de que Mario o seguia, apenas para chegar à rua e perceber que afinal estava sozinho. Ficou parado a olhar para a porta, por entre os afiliados que iam saindo. Talvez o tivessem retido. Acendeu um cigarro. De certeza que não demorava. No entanto teve tempo de acabar de fumar esse cigarro e também de encontrar alguns dos famigerados contactos que o irmão o incentivara a fazer. Falavam de coisas que não fazia qualquer esforço para entender, concordando e atirando, a intervalos, com uma frase feita, na esperança de se ver livre deles. Mas eram tenazes. E como conheciam muitos dos outros, tendiam a agregá-los à sua volta, sem que se deslocassem um milímetro que fosse da sua presa inicial, a primeira vítima da sua oratória, procurando talvez exibi-la como um troféu. Deixou-se então ficar onde estava, sorrindo e apertando mãos. Mario acabou por sair e fez-lhe sinal com a cabeça para que o seguisse, sem se preocupar em aproximar-se do grupo. Despediu-se dos seus convivas. Ficaram a vê-lo ir-se embora sem dizer nada. Depois regressaram à sua tertúlia, já esquecidos dele, ou assim o imaginava enquanto procurava não correr para alcançar o outro. Conseguiu alcançá-lo ao fundo da rua. Parou de imediato e virou-se para trás, olhando por cima do ombro dele, como se verificasse se eram seguidos. Depois acendeu um cigarro. Limpou o nariz com as costas da mão, a fungar. Os olhos por trás das hastes redondas

fitavam-no com uma intensidade lânguida. Esperamos ali, do outro lado da rua, disse ele apontando para um toldo amarelo, sob o qual se foram abrigar. Não sabia aquilo de que estavam à espera e não perguntou. Procurou interessar Mario naquilo que achara do seu encontro com os outros, mas sem qualquer sucesso. Passeava para trás e para diante, levando o cigarro aos lábios e juntando depois as mãos atrás das costas enquanto caminhava, sem olhar para ele e não respondendo. Acabou por se calar. Acendeu também um cigarro, abrigado à entrada da loja de desporto, escondendo-se do foco de luz emitido pelo candeeiro, procurando ao menos ver antes de ser visto. Mario não tinha tais preocupações. Parecia indiferente ao facto de ser visto ali. Continuava a sua caminhada circular, para adestrar a impaciência, quando estacou e ergueu as mãos ao céu. Ao fundo da rua perfilava-se um rapaz, que lhe imitou o gesto mas como que desculpando-se. Dirigiu-se-lhe e abraçou-o. Apresentou-o como o seu amigo artista, sem dizer o nome, mas ele não se importou. Estendeu a mão ao tipo de barba e ombros largos. Qualquer amigo de Mario era agora seu amigo.

O café ficava do outro lado da rua, num primeiro andar. Tinham de subir umas escadas exteriores. Durante a espera não vira ninguém subir e apenas dois rapazes tinham descido. Não pareciam diferentes dele. Deixou que os outros subissem à frente, em silêncio. Esperou com Mario no patamar enquanto o artista seguia, a ver se já tinha chegado aquele que lhes interessava, reaparecendo pouco depois. O puto já lá está, disse ele. Faço isto sozinho, se quiseres. Suavemente. Mario discordou. Ele ficaria no patamar, pronto a deter um rapaz louro, mesmo louro, vestido de preto, botas da tropa, a parafernália óbvia. Os outros iam lá acima. Não demoravam. Ficou sozinho, a repetir que o rapaz seria muito louro. Acendeu um

cigarro para parecer perigoso. Subiram duas raparigas a conversar, sem sequer olhar para ele. Desceu aquilo que só poderia ser uma banda, duas caixas de guitarra, um estojo de baixo, uma tarola, os quatro de preto mas nenhum deles louro. Esse não demorou a aparecer, de braço dado com o artista, não como se se amparassem mas antes como se este o usasse como um escudo. Parecia assustado, e ainda mais depois de vê-lo. Mario desceu atrás deles. Ordenou ao rapaz que se ajoelhasse. Este obedeceu. O artista, com a mão que trazia enfiada no bolso do casaco, apontou-lhe à nuca com aquilo que parecia ser um revólver. Pede desculpa, disse Mario. O artista deu-lhe uma pancada com o que poderia ser o cano da arma. E depois outra, e ainda uma terceira. O rapaz começou a chorar. Balbuciou um pedido de desculpa. Mais alto, disse Mario. Depois piscou-lhe o olho e, por gestos, deu-lhe a entender que era a sua vez de entrar em cena. Repetiu a ordem. O artista deu outra pancadinha. E ele deu um passo em diante, não um passo, apenas a sugestão de um passo, endireitando-se. Atirou o cigarro para o chão. Mais alto!, ouviu-se dizer com rispidez. Os outros sorriram, enquanto o rapaz fungava e dizia, entre soluços, o quão arrependido estava. Agora dá-lhe o dinheiro, disse Mario, e viu que o outro, tremendo, lhe estendia um molho de notas. Agarrou o dinheiro. Depois pontapeou o rapaz nos testículos, com toda a força que tinha, talvez procurando fazer com que pagassem todos de uma vez, o filho da puta do gordo, a mãe e as suas opiniões sobre ele, o irmão e a sua inação, a mulher do irmão a olhar para ele com pena, os conhecimentos do partido a apertarem-lhe a mão molemente, todos. Os outros pareceram surpreendidos e apressaram-se a levá-lo dali. Deitado no chão ficou aquele que era muito louro, dobrado, a gemer. Quis voltar atrás e voltar a pontapeá-lo. Nunca fora assim tão violento com ninguém. Soubera-lhe bem

o exercício arbitrário desse poder. Mas arrastaram com ele escada abaixo, ao fundo viraram à direita e empurraram-no por umas arcadas próximas. Sentia os corpos deles contra o seu, alguma coisa pontiaguda espetando-o entre as costelas, lembrando-lhe que o artista tinha uma arma, e não pensou mais em debater-se. Deixou que o levassem. Mantiveram-se calados durante todo o trajecto, excepto quando se aproximavam demasiadamente de outras pessoas. Nessas alturas era Mario quem começava a falar, sobre a primeira coisa que lhe ocorresse, fosse isso o mercado de capitais, um filme ou alguma coisa mais pessoal, dirigindo-se ao artista, que lhe respondia no mesmo exacto tom, algo exagerado, empregado para convencer quem os ouvisse de que discutiam já com algum calor. Por si continuou calado. Já nem sequer o empurravam. A presença da arma tornara-se óbvia para os três e tornara desnecessária ulterior intimidação. Só pararam umas ruas adiante, num salão de bilhares. Só no interior se apercebeu do local onde estava, o mesmo onde o gordo o destruíra com uma única cabeçada. Olhou em redor, em busca da silhueta inchada do outro, à escuta do seu riso porcino. Mas não havia quase ninguém no salão e esse não figurava entre os poucos que estavam. Em certas noites ainda sonhava com ele, embora também não figurasse no elenco dos seus pesadelos. Surgia em alguns sonhos gloriosos, desses que começara a ter desde que conhecera Mario, diferentes daqueles que sonhava embalado pelos livros, colectivos todos, abstrações. Nesta nova estirpe erguia-se em terrível glória. Derrubava o gordo com surpreendente facilidade, assassinava-o, e depois arrastava-o pela rua até aos bilhares, à porta dos quais o deixava. As pessoas a fumar à porta olhavam para ele com temor enquanto, com as mãos ainda cobertas de sangue, entrava para jogar uma partida. Mas no seu regresso ao salão apenas seguiu Mario até uma mesa próxima

da zona de jogo, incógnito. O artista fechava a fila. Sentaram-se. Aqui podemos conversar à vontade, disse-lhe o amigo. O barulho das tacadas abafa o som. Veio o empregado. Pediram três cervejas. Já esquecera o odor peculiar dos bilhares, a madeira e giz. Pediram outra rodada, e Mario explicou-lhe de onde vinha, e para onde ia, aquele dinheiro, em termos vagos e calando-se quando alguém se aproximava.

Escusavas de lhe ter batido, disse o artista depois da terceira cerveja. Olhou para ele com espanto. E tu? Não lhe deste com a pistola na cabeça? Os outros dois riram-se. O artista enfiou a mão no bolso do casaco e deste tirou um pequeno objecto metálico, que exibiu na palma da mão. Era um dedal. Enfiou-o na ponta do indicador, perante o olhar divertido de Mario. Bateu com o dedal na mesa. No copo de cerveja. Depois fez-lhe sinal para que se aproximasse e ele inclinou-se para diante. O artista imitou uma pistola com a mão, apontando-lhe com o dedal, e depois, esticando-se, bateu-lhe com o indicador na testa e ele percebeu por fim, enquanto os outros se riam. E com eles seria sempre assim, algum pormenor que o excluía, algum plano secreto do qual ele não estava a par, como se não o considerassem digno de saber dessas coisas. Mario não era seu amigo, não como ele o desejava. Essa honra cabia ao artista. Para ele sobravam algumas migalhas. Nada mais, até haver apenas nada. Mas não se apercebeu disso de imediato, e tardaria até demasiado tempo a fazê-lo. Nessa noite, sentado entre os dois enquanto se riam dele, acabaria também ele a rir-se do estratagema e a não saber bem como justificar a sua agressividade. É verdade, disse Mario, que aquele não fica a dever mais. Dos três foi ele quem se riu mais alto, mas o raciocínio do outro continuava, dialéctico, contrapondo que o louro também poderia não voltar a comprar e olhando para ele

de modo severo. O controlo é importante, advertiu-o. Baixou a cabeça, envergonhado. Continuou no entanto a acompanhá-los. Os termos em que se processava o negócio tornaram-se mais claros, a cocaína que Mario vendia vinha do depósito de apreensões da polícia, desviada dos registos por alguma mão zelosa untada por um subsecretário, e era depois distribuída a partir das sedes da juventude do partido. Era por isso que ficava para trás nas reuniões, a combinar detalhes e a apresentar resultados, como numa empresa. Ofereceu-lhe uma espécie de parceria, ocupando o lugar ao seu lado. Receberia por isso uma percentagem, uma perspectiva que lhe agradou. Olhou para o artista. E ele?, perguntou. Mario esclareceu-o. Ele faz as coisas dele e tu fazes as tuas, mas trabalham ambos para o mesmo. Depois chamou o empregado que passava e pediu mais uma rodada e a conta, que já se fazia tarde. Acendeu depois um cigarro, enquanto esperava que ele se decidisse. Disse que sim, sem pensar. Depois caiu em si e perguntou se era costume haver violência. Mario garantiu que não, o artista concordou. Já houvera uns tabefes, coisa pouca. Nada como aquilo que ele fizera. O importante era saber conduzir a conversa, ser implacável com a rédea e saber conduzir o outro aonde se queria ir. A vantagem numérica era uma tática que tornava mais suave o processo de condução. Bastava que parecesse ameaçador e soubesse intervir quando necessário. Não havia qualquer necessidade de deixar que as coisas se descontrolassem. Concor-daram todos que a prudência era essencial. Voltou a dizer que sim, pensando apenas no dinheiro que lhe pagariam para que parecesse ameaçador.

À mãe disse que arranjava um part-time como moço de recados num escritório, o que nem sequer estava muito longe

da verdade. Ela achou suspeito. Perguntou-lhe onde era o escritório. Respondeu indicando uma área vaga da cidade, sorrindo e dizendo que não tinha memória para os nomes das ruas. Como conseguira então o emprego, perguntou ela em seguida. O pai de um colega da escola era o patrão, disse ele. Como se chamava o colega, insistiu ela. E continuou a insistir, embora ele acabasse por responder a todas as perguntas e lhe fosse permitido ir-se. Mas a mãe continuou a interrogá-lo, a intrigar-se com o seu regresso às saídas nocturnas, a estranhar a ausência de notícias da escola, nem uma reunião de pais, nem um boletim com notas, questionando-o também sobre isso. Respondeu-lhe quase sempre com sucesso. Assim que juntou dinheiro suficiente alugou um quarto em casa de uns amigos de Mario e deixou-a a falar sozinha.

O tráfico prosperava e dele apenas se esperava que estivesse presente para lucrar. Mario apresentou-o a pessoas do partido, que lhe apertaram a mão e lhe pediram que lhes fizesse uns favores. Lucrou com isso, claro. Deixou de ir às aulas. Saía com Mario todos os dias, por vezes passava o dia com ele. O artista aparecia apenas de tempos a tempos, sempre como uma surpresa. Aprendeu que era mais velho do que eles, vivia para lá do rio, no Sul, e apenas vinha à cidade de tempos a tempos. Não se misturava com os do partido. Parecia ter os seus próprios negócios e surgir apenas a pedido de Mario. Sobre a sua alcunha, envergonhado, disse apenas que gostava de pintar.

Quando não estava ocupado, lia. Lia muito, por vezes por recomendação do mentor. Livros sobre espionagem e estratégia. Muita ficção científica, muitas vezes versando o tema da existência de uma realidade oculta e hostil, existindo por trás da outra realidade real, num jogo de espelhos e enganos

que deliciavam Mario e a ele o assustavam, incapaz de imaginar que pudesse haver realidade mais hostil do que aquela. Mas não se queixava. Estava por cima e aí pretendia permanecer. Mario dava-lhe agora tarefas de maior responsabilidade, testes dos quais se desenhava sempre bem. Decorava os nomes de todos aqueles com quem se cruzava e, para auxiliar a memória, escrevia-os depois em casa num caderno. Aspirava a autonomizar-se, um dia.

Veio mais um Verão. Esperou por Mario junto a um café, vendo-o chegar por fim, com um saco de pano a tiracolo. Queixou-se do calor. Seguiu-o para o café e sentaram-se numa mesa ao fundo. O outro parecia agitado. Tinha agora um telemóvel, que pousara sobre a mesa e fazia rodar, impelindo-o pela antena. Pediu uma água fresca. Pegou depois no telefone, marcou um número e encostou o aparelho ao ouvido. Atenderam de imediato. Disse que sim. Mencionou a água e disse ainda agora mesmo, antes de desligar. Disse-lhe que ia à casa de banho e ergueu-se. Levou o telemóvel, que enfiou no bolso, mas deixou pendurado na sua cadeira o saco de pano. Chegou a água e a sua cola, que ele tomou devagar, sentindo um frio estremecimento nos dentes de cada vez que tocavam num pedaço de gelo. Esperou que Mario regressasse. Entraram três homens, que olharam em redor. Fixaram-no e dois deles avançaram direitos a ele, sem pressa. O terceiro ficou encostado ao balcão, junto à porta. Um dos homens, com olhos verdes, perguntou-lhe se se podia sentar. Ele disse que sim e o outro instalou-se. Suava muito, a testa molhada. Pousou em cima da mesa um crachá da polícia. Deixa-me ver esse saco, disse com voz cansada.

Passou um terrível mês na prisão até que um advogado ligado ao partido o conseguiu libertar. Não houve julgamento,

mas quando isso aconteceu já dissera o nome de Mario, incriminando-o. Não mencionou o nome de ninguém que pudesse libertá-lo, ninguém que estivesse acima. Percebeu sem dificuldade quem o tinha traído. E depois, quando perguntou aos polícias se já tinham encontrado Mario, foi-lhe dito que nada daquilo que dissera pudera ser verificado. Quando saiu em liberdade procurou o mentor, para que este se justificasse, mas nunca mais o encontrou.